Obras selectas de auctores portuguêses

II

POESIAS INEDITAS

DE

D. THOMÁS DE NORONHA

POETA SATYRICO DO SEC. XVII

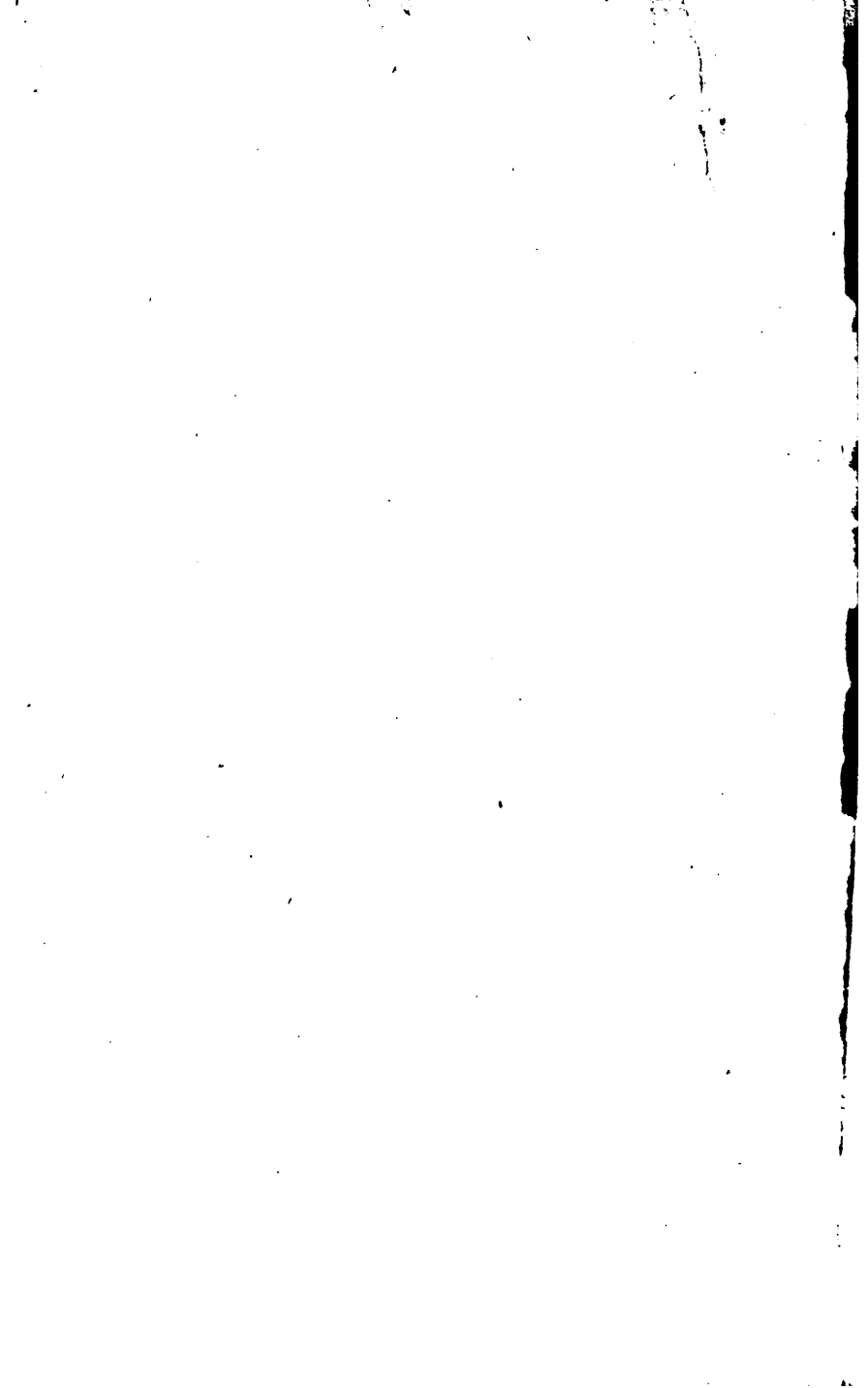
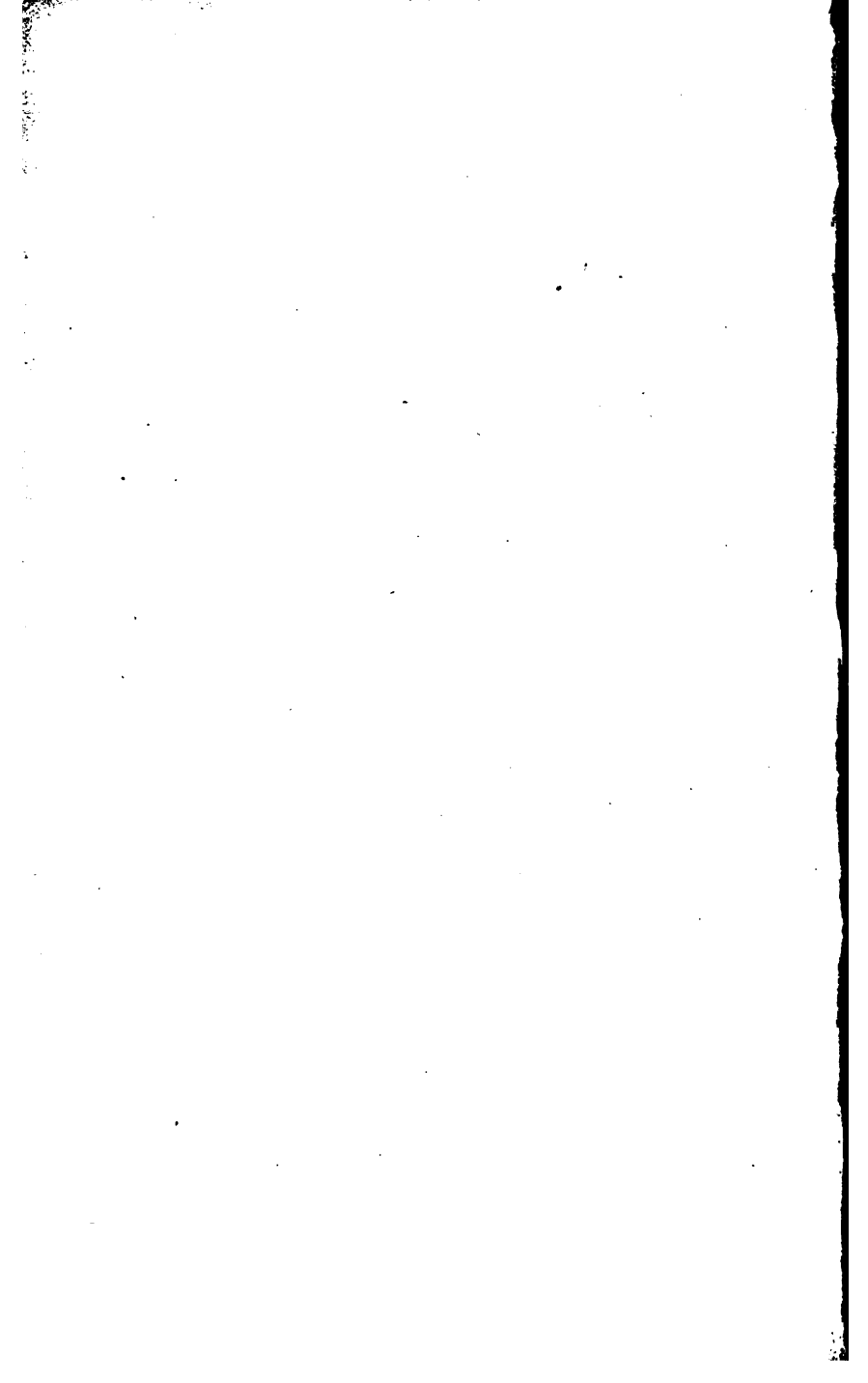
EDIÇÃO REVISTA E ANNOTADA POR MENDES DOS REMEDIOS

COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1899

POESIAS INEDITAS

DE

D. THOMÁS DE NORONHA

Da vasta e tam pouco estudada galeria de escriptores portuguêses, que na historia litteraria do seculo XVII têem a designação de *gongoricos,* destaca-se a figura singular, extravagante e bohemia de D. Thomás de Noronha.

As suas producções poeticas conhecidas foram publicadas na *Fenix Renascida,* pg. 218-257 do tomo V, mas não representam senão uma pequenissima parte do muito que compôs o illustre poeta pois, segundo Barbosa Machado [1], tudo o que elle escreveu encheria muitos volumes.

Como se sabe a collecção de bagatellas, conforme lhe chamou Fernandes Pinheiro [2], conhecida por *Fenix Renascida ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguêses* [3] foi organizada por

---

[1] *Bibliotheca Lusit., verb.* D. Thomás de Noronha.

[2] *Resumo da Hist. Litt.,* II, 119.

[3] 5 voll., 1716-1728.

um livreiro de Lisboa, Mathias Pereira da Silva, morador na Rua Nova, a quem a boa fortuna enriqueceu e afidalgou e que, talvez por esse motivo, deixou a collecção parada a meio caminho, muito incompleta e imperfeita.

Esta conjectura é do Cavalheiro de Oliveira [1]. E' certo, porém, que o colleccionador tencionava enriquecer a sua galeria litteraria com as producções dos melhores poetas do tempo. Confrontando e espiolhando manuscriptos, Mathias Pereira da Silva foi publicando morosamente a *Fenix,* sob o patrocinio de altas personagens, com as respectivas licenças do Santo Officio e do Desembargo do Paço, esperançado nos favores do publico, sempre promettendo novos volumes. Mas a collecção parou no v, entorpecida a energia e boa vontade do editor por malevolencias de adversarios ou inimigos. « Estando já para se remontar generosa á esfera da luz, escreve elle no *Prologo,* mão poderosa lhe cortou as asas, com que foi preciso deixar-lhas crescer e nascer-lhes novas pennas para poder voar, o que hoje faz tão elevada neste seu quinto vôo, que excede muito aos da fama, e com tanto vigor, que promette repetição de muitos vôos até encher com os seus giros toda a esfera da tua curiosidade ».

---

[1] *Mem. hist., polit. e litt.,* etc. Haya, 1743; II, 377.

Por este estylo, que não desmente do dos collaboradores, o Silva deixava adivinhar as intrigas dos poetastros que parvoejavam rimas, glosando os grandes mestres. D'ahi o inferir eu, com justificada razão, parece-me, que o Cavalheiro de Oliveira quís exercitar o seu bilioso humorismo salpicando de nodoas o bom do livreiro.

Mas d'onde viria a opposição ao editor da *Fenix?* Do publico não; aquella *mão poderosa* denuncía uma intervenção hierarchica que se não casa bem com a do plebeismo de anonymos. Das auctoridades, que intervinham na publicação da obra, tambem não, que lá apparecem as respectivas licenças. E' de crêr que a guerra ao colleccionador partisse d'aquelles que não encontravam guarida no Pantheon talhado arbitrariamente por elle. Para dar mais uma vez razão á maxima da Sabedoria das Nações: — que o peior inimigo é o official do mesmo officio...

Seja como fôr, para um estudo serio e mais ou menos permanente e fixo da vida dos poetas, que collaboraram, por exforço proprio do livreiro, na *Fenix,* é claro que os documentos não abundam. Pelo que respeita a D. Thomás de Noronha pode affirmar-se isso sem receio de duvida.

Uma parte curiosa e interessante está, decerto, por conhecer.

O editor excluiu systematicamente da *Fenix* as poesias com resaibos a profanidades. De D. Thomás podiam extremar-se as poesias que eram de sabor algum tanto malicioso e mordaz, d'uma mordacidade citrina, irritando o paladar, mas sem grande nojo da pituitaria, d'aquellas em que o poeta dava largas á sua veia caustica, fóra de toda a medida, tresandando á mais desenfreada obscenidade.

Deviam de ser as primeiras que fizeram alcunhar o poeta de « *fidalgo de discrição* », como lhe chama o primoroso auctor da *Luz e Calor*, e por ventura por causa das outras é designado por Barbosa Machado — « *Marcial de Alenquer* ».

« Não tenho tenção de dar lugar nestes tomos ás obras, que por profanas e impudicas o não merecem, escreve Mathias Pereira da Silva na advertencia *Ao leitor*, no vol. I. Porque o meu intento é de aproveitar a quem as lêr com a erudição e exquisita suavidade e não de destruir os bons costumes. Nem se me deve extranhar a resolução... » E seguem as desculpas, como quem presume hostilidades, pelo acerto tomado.

Que não se apavorem as cinzas do meticuloso Mathias Pereira da Silva. A civilisação nada ganharia e menos ainda a memoria do folgazão poeta com o conhecimento das porcarias, que paladares, educados na escola de Zola, por certo admiram e apreciam.

Deixá-los. Aberrações e disformidades teratologicas não podem nem devem sobrepôr-se á organismos normaes e sadios. O que eu desejaria era que estas notas, fundadas, quasi exclusivamente, em documentos ineditos, concorressem em alguma cousa para o conhecimento da individualidade litteraria, que foi D. Thomás de Noronha e, consequentemente, para o da epoca, tam olvidada, que se denomina *gongorica,* do nome do poeta espanhol Luis de Gongora, que tam alta influencia exerceu dentro e fóra do seu país.

I

D. Thomás de Noronha descendia d'uma das familias mais illustres de Portugal.

> Os *Noronhas* são a flôr
> Da nobreza lusitana...

diz o auctor do *romance* que canta as festas com que, em agosto de 1666, Lisboa recebeu a esposa de D. Affonso VI, a gentil D. Maria Francisca Isabel de Saboia [1].

O tronco que lhe deu origem foi a filha bastarda de D. Fernando — D. Isabel, e o filho,

[1] *Fenix,* IV, 172.

tambem bastardo, de Henrique II, rei de Castella — D. Affonso, conde de Gijon e Noroña, ella de oito e este de dezoito annos, quando os casaram.

Andou a monte o illustre conde, procurando fugir á consummação do matrimonio por motivos que a furia inquisitorialmente investigadora dos genealogistas não conseguiu, por enquanto, deslindar. Protestos do coração, em edade juvenil atreito a romantismos, talvez compromettido — quem sabe ? — em aventuras de sua livre escolha. O moço fidalgo é que se recusava a sanccionar o que a diplomacia impunha. Fugiu para França, esteve em Avinhão, requereu o divorcio e... submetteu-se, passada a lucta, á realidade dos factos, acceitando o bom conchego familiar e ligando-se a D. Isabel, da qual houve seis filhos que todos, após a morte do pae, vieram para Portugal, onde receberam bom acolhimento do rei D. João I. O brazão dos Noronhas é esquartelado — o 1.º e 4.º das armas do reino, o 2.º e 3.º de vermelho castello de oiro, o campo acantelado de prata, com dois leões batalhantes de purpura, armados de vermelho, bordadura de escaques de oiro e de veirado de vermelho e prata, de vinte peças. Timbre: um leão de escudo nascente, armado de vermelho [1].

[1] Estas indicações sobre a familia Noronha são do bello livro do sr. Anselmo Braamcamp Freire — *Livro Primeiro*

São do mesmo tronco os condes dos Arcos, de Villa-Real, Linhares, o duque de Caminha, etc.

A' nobreza da sua casa se referiu o poeta algumas vezes lamentando a miseria em que se encontrava e a pouca validade dos pergaminhos para as necessidades do seu viver.

> Que importa nascer honrado e nobre
> Se a fortuna me faz patife e pobre [1] ?

Seu pae chamava-se D. Pedro de Noronha (terceiro neto do Marquês de Villa-Real) e foi moço fidalgo de D. Sebastião por alvará de 1574. Sua mãe chamava-se D. Maria Jordão. Ignora-se a data do seu nascimento [2], mas fixando-se a da sua morte em 1651 com a nota de que succedera

---

dos Brazões da sala de Cintra, Lisboa, 1899. Sobre a familia Noronha podem tambem consultar-se: Silvestre Pinto, *Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal,* I, 27; D. Tivisco de Nosao Zarco y Colona (D. Manoel de Carvalho e Athaide, pae do Marquês de Pombal), *Theatro Genealogico,* I (unico publicado), 165; P. Antonio Carvalho, *Corographia Portuguêsa,* III, 58.

[1] Vid. adeante, *Poesias inéditas,* 42.

[2] Foram infructiferas todas as pesquisas que fiz no sentido de fixar a data da morte do poeta. Aqui agradeço ao illustre investigador e genealogista sr. dr. José Machado, de Braga, as informações que sobre o assumpto tam gentilmente se apressou a fornecer-me, e de que muito me aproveitei neste estudo.

já em edade avançada [1], é de suppor que a sua meninice e infancia se passaram ao findar do seculo dezaseis, quando Portugal chorava o luto que a inexperiencia d'um rei epileptico e megalomano foi procurar nos areaes de Africa, em Alcacer-Qêbir.

De genio irrequieto e aventuroso, dissipando nos prazeres o melhor do seu tempo, mal se comprehende como semelhante bohemio quisesse illaquear-se nos laços de familia. Mas o matrimonio sabia elle decerto harmonisá-lo com exigencias d'outra ordem, aliás não teria reincidido. Ora D. Thomás casou duas vezes: a primeira com sua prima D. Helena de Salazar Jordão, de quem teve uma filha D. Maria de Noronha e Menezes, e a segunda com D. Catharina da Veiga, filha de Henrique Esteves da Veiga, passados já os ardores da mocidade, malbaratada em aventuras a sua vida de bohemio incorrigivel, desilludido e sem meios de fortuna, sendo até o seu parente marquês de Villa-Real quem se obrigou por elle ás arrhas por não ter bens livres [2].

A filha do poeta casou com Bernardo de Napoles e Veiga e d'este matrimonio descende o 1.º visconde de Alenquer, D. Thomás de Napoles

---

[1] Barb. Machado, *Bibl. Lusit.*

[2] Barb. Machado, *ob. cit.*

de Noronha e Veiga, que nasceu em 1820. O neto do poeta foi baptisado com o nome de Henrique, mas el-rei D. João IV [1] mandou que lhe mudassem o nome e que em memoria de seu avô se chamasse D. Thomás de Noronha.

Ao segundo casamento allude D. Thomás no soneto que começa:

> Temperei, confesso, o bem perdido,
> Mas não me tira a dôr do mal passado,
> Que, quem ferido foi, o ter sarado
> Não lhe tira o pesar de ser ferido.
>
> Quanto fôra melhor não ter vencido, ... [2].

Quem escreveu este soneto decerto sentia o fogo d'uma bella inspiração. Elle deixa adivinhar até que ponto poderia erguer-se o estro do poeta, que tanto se afundou na procacidade d'um estylo, que corre, por vezes, parelhas com as maiores liberdades bocagianas. Mas era o determinismo do meio a impôr-se com toda a sua violencia. Fidalgo da mais antiga linhagem, mas sem meios de fortuna, D. Thomás excitou a curiosidade dos seus contemporaneos por meio da gargalhada alvar e destemperada, que elles apreciavam. Na

---

[1] Carvalho, *ob. cit.*

[2] Vid. *Poesias inéditas*, 1.

miseria a sua musa estorce-se em esgares. Pede, supplica, implora. E' a sua sorte que elle lamenta:

> Nalgum signo nasci triste e faminto,
> Segundo vejo minha má estrêa;
> E que importa nascer honrado e nobre
> Se a fortuna me faz patife e pobre [1]?

Dirige-se por isso aos amigos e aos poderosos e pinta-lhes a situação em que se encontra e que elle declara ser mais aviltante e mesquinha do que a dos proprios creados d'elles.

> Que cativo em masmorra, que forçado
> Ao remo da galé? que mendicante?
> Que Job? que paralitico entrevado
> Na piscina? que misero estudante?
> Que preso na enxovia? que soldado
> Sem paga? que picaro ou birbante?
> Ou que creado vosso, que ainda é mais
> Com miserias se vio no mundo tais [2]?

E' assim, implorativo e pedinchão, que se dirige ao duque de Caminha, fazendo estendal da penuria em que se encontra, sollicitando os dez mil réis promettidos, mas que tardavam, sem o dinheiro

[1] Vid. *Poesias inéditas,* 42.
[2] Cfr. *Poesias inéditas,* 42.

necessario para a compra do pão á padeira, a qual intíma

> Que ou pague como nobre de contado
> Ou não espere mais por pão fiado [1].

Dorme em cama alugada ao mês, não paga as soldadas ao creado, fogem d'elle os amigos, pois que

> E' a pobreza d'amigos espantalho,
> Mal tam cruel, que até de lei carece,
> Não sinto eu no mundo igual trabalho,
> Sabe-o só o triste que o padece [2].

Não devia de ir muito longe d'aqui á realidade. Os seus versos accusam em varios logares a sua vida attribulada e dependente. E assim deveria ter morrido — velho e pobre — o fidalgo que foi D. Thomás de Noronha.

II

Os altos quilates do estylo culto eram, escreveu Camillo Castello Branco, os equivocos, os trocadilhos, o marinismo, os *concetti*, hyperboles *rabelaiseanas*, o estylo *pompadour*, consonancias

---

[1] *Ibid.*, 43.
[2] *Ibid.*, 44.

de clausulas, homonymias, jogo de vocabulos, hypotiposes, enfim o gongorismo que se havia, com uma doçura insidiosa, infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do Padre Antonio Vieira e de Jacintho Freire [1].

O grande romancista dizia isto a proposito de Antonio Serrão de Castro, outro poeta da mesma epoca, que extravasou a sua mordacidade nos versos monotonos e somnolentos dos *Ratos da Inquisição*.

Mas a extravagancia, que tam bellos engenhos prejudicou, não foi exclusiva de Portugal. Simultaneamente dominam em França a *pleiada*, os *Euphuistas* em Inglaterra e os *Marinistas* em Italia [2]. Desnorteados pelo talento dos mestres, discipulos cheios de audacia, e bastas vezes de incompetencia, afastaram-se do caminho seguido por aquelles que haviam proposto como guias e como modelos.

D'aqui tanto torceram e retorceram o já delgado fio poetico que, segundo a expressão de Garrett, o quebraram de todo [2].

O que é notavel é que na propria *Fenix Renascida*, onde as delicias do cultismo chegavam á

---

[1] *Os Ratos da Inquisição* (Porto, 1883), 95.
[2] *Hist. da Litt. Esp.*, III, c. XXIX.

quinta essencia, apparecem os protestos contra essa artificiosa maneira de escrever.

Grande cousa é ser *culto,*
Fingir chimeras e fallar a vulto!
Mas sempre ouvi dizer d'esta poesia
Que vestido de imagem parecia;
Pois quando vemos o que dentro encobre,
Quatro paus carunchosos nos descobre.
Faça-lhe a culturana
Mui bom proveito á lingua castelhana,
Que a phrase portuguêsa por sizuda
Por presada, e por grave não se muda,
Não se occulta entre cultas ignorancias,
Pois toda é cultivada de elegancias [1] !

No *Pegureiro do Parnaso* do mesmo volume da *Fenix* lêmos:

Notaveis traças investiga um culto
Para poder fazer versos de vulto!
Triste culturania [2] !

Defendendo o uso da poesia e da lingua portuguêsa e collocando-as acima da hespanhola e italiana, embora em máus versos, diz optimamente o poetastro:

... Tem-te, ó besta grande e rara
Porque queres manchar agua tam clara?

---

[1] v, 54.
[2] v, 40.

Não sabes tu que a lingua portuguêsa
Não tem no mundo igual outra em nobreza ?
Que eu des que guardo vacas neste oiteiro
(Que enfim sou do Parnaso Pegureiro)
Só vi que compusesse o alto Apollo
Poesia divina
Na lingua portuguêsa ou na latina,
Que tem o português propriedade,
Eloquencia, brandura, e claridade,
Amourisca-se muito o castelhano,
Tem muitos *ches* e *chis* o italiano [1]...

Este *Pegureiro do Parnaso* sentenceia com desassombro. O « verso culto e claro » é pôsto em ridiculo. A' fonte do Parnaso, donde manam limpidas e cristalinas as aguas da inspiração vam beber o « grão *Miranda* », « *Bernardes* o reverendo », o « douto *Montalvão* », ao lado do « peregrino *Tasso* ».

A enumeração destes e outros engenhos é feita por um

velho, que ha cem annos
Sempre cantara em versos lusitanos,
E tinha por cuidado,
Guardar da fonte este licor sagrado
De bichos peçonhentos,
De Poetas, que são como jumentos,

---

[1] v, 45-46.

E de paroleiras rans,
Que iam alli cantar pelas manhãs
Muitas rimas sonoras
Quando de rosicler vestem as horas [1].

E' a este velho (certamente Camões) que se dirige imprecativo o pegureiro:

Senhor! os Gongorantes
Que sempre por candil trovam brilhantes,
Que em rythmas atroadoras
Querem fallar cristaes todas as horas,
Porque vaso cruel das aguas bebem?
— Esses (responde o velho) só recebem
Das aguas d'esta fonte,
Quando com chuva vai de monte a monte,
Então por um pipote,
Que em largo torno este licor lhe brote,
Sorvem só com as limfas desta vêa
Muitos limos e arêa,
Sevandijas e sapos,
E de poetas cultos mil farrapos.
.... [2].

Valia mais que estes protestos isolados o despotismo da moda. Basta olhar para o titulo de muitas das poesias, que enchem os cinco volumes da *Fenix,* para vêr quanto a influencia deleteria

[1] v, 47.
[2] v, 52.

da imitação de Gongora havia desnorteado os espiritos. « A um desmaio », a « umas saudades », a « um pintasilgo cantando », a « uma boca ferida », a « F. picando-se com uma rosa », ás « barbas do regimento do Conde de Rebat », a « uma dama sangrada », « Ausente fallando com o seu suspiro », e outras obscenidades d'esta ordem.

Aos mais sensatos repugnavam os artificios que a moda ia impondo por toda a parte. Alludindo a essas aberrações, tam improprias da naturalidade, em que haviam sido vasadas as melhores lyricas de Camões e as paginas vivas e simples da *Menina e Moça,* escrevia Verney tempos depois: entendem que o compôr bem consiste em dizer bem subtilezas e inventar cousas que a ninguem occorressem: com esta idea produzem partos verdadeiramente monstruosos e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam [1]. D. Francisco Manuel de Mello tambem ridiculisou o gosto depravado do gongorismo.

No *Fidalgo Aprendiz* toda a scena da *Primeira jornada* em que apparece o escudeiro Affonso Mendes trazendo consigo « um estudantão muito sujo e muito mal vestido » é um golpe vibrado em cheio aos adoradores do cultismo. O poeta entrando « muito devagar, fazendo cortezias » é

[1] *Verdadeiro Methodo,* etc., cfr. a *Carta* 7.ª, 217.

o especimen apanhado em flagrante delicto de realidade pelo perspicaz critico e observador, que era o illustre auctor dos *Apologos Dialogaes*. As primeiras palavras d'essa grotesca personagem, tanto que entra em scena, são incomprehendidas. Estamos vendo o peralvilho, dengueiro e enfatuado, romper naquellas ôcas exclamações de cumprimento:

Poet. — O claro amor de Pyrene
Em dipluvios fragrantes candidize,
Borde, esmalte, retoque, aromatize !...
....
Ante vossa presença jaz estatico
Um culto professor de estudo critico,
Que outros querem chamar humor frenetico.

Deante d'estas impertinencias o fidalgo acolhe-o a troça, á gargalhada e recommenda-lhe que é melhor fallar de forma a ser entendido

Gil. — Mestre ! não falleis latim,
Que eu nunca fui estudante.
Poet. — Fallarei, como mandais,
Bom português velho e relho.
Gil. — Crêde que é melhor conselho.

E a satyra segue, até ao fim da scena, despiedada e cruel [1].

[1] Vid. *Auto do Fidalgo Aprendiz*, ed. revista por Mendes dos Remedios, Coimbra, 1898, pg. 18.

III

A epoca era, de resto, o que offerecia — banalidades, contrafacções, ridicularias. Perdera-se o amor da disciplina, aviltara-se a auctoridade moral, desapparecera a rija e forte preoccupação de costumes d'outras epocas. De D. João III para deante nada mais fizemos que afundar-nos pouco a pouco na inercia e na depravação. Morre nos areaes de Africa a energia do nosso ideal e a seguir, num declive assustador, com D. Henrique e os Filippes caímos numa atonia assustadora.

O que predomina na sociedade é o prazer e o luxo. As pedras preciosas, os brocados finos, as essencias, tudo o que a vaidade podia inventar, de tudo tinhamos e de tudo usavamos. Os espiritos eram frivolos, como era mesquinha a vida nacional. « As espadas largas degeneraram em cotós, e os capacetes se trocaram em perucas; já o pente em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheiram os homens a mulheres, não a Marte, mas a Venus. Quem havia de imitar ao grande Albuquerque, prendendo a barba ao cinto, se já não ha novas de cintos nem de barbas ? Quem haveria de sair

aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camarote em Lisboa, gracejando com as farçantas e atirando-lhes já com chistes, já com dobrões?...» [1]. Tal era o estado da sociedade portuguêsa como a viu e presenciou o espirito luminoso do oratoriano Manuel Bernardes.

Em tal meio viveu a sua longa vida D. Thomás de Noronha. Que admira que o seu estro se manchasse na descripção de taes inutilidades? Estes arrebiques da vida não eram de molde a inspirações largas e profundas. O poeta folgazão, em quem estuava o sangue da familia, riu de tudo, até da sua propria miseria, com mais boa vontade ainda assim, devemos crê-lo, que o seu contemporaneo Serrão de Castro.

A mordacidade dicaz que caracterisa as composições de D. Thomás fê-lo appellidar o Marcial de Alenquer. *Fidalgo de discrição* mui celebrado neste reino, lhe chama Manuel Bernardes, mas de crêr é que á humilde cella do oratoriano não chegassem amostras daquellas liberdades, que sam tudo quanto ha de mais nitida e caracteristicamente pornographico.

D. Thomás de Noronha é um poeta satyrico de valor e merece por todas as razões o titulo de precursor de Bocage. Mais do que Antonio Serrão

[1] *Nova Floresta*, II, 314.

de Castro elle merece ser considerado como o primeiro poeta do seu cyclo.

Que este juizo não é exagerado di-lo-ham os que lançarem os olhos sobre as suas poesias.

IV

As poesias de D. Thomás de Noronha podem dividir-se em dous grupos — as *impressas* e as *inéditas.*

I. — Aquellas appareceram, como já dissemos, no tomo V da *Fenix Renascida,* pg. 220-259. Que saibamos em mais nenhuma collecção se publicaram versos do satyrico poeta. Camillo Castello Branco nas *Noites de insomnia* reeditou a *Canção,* que se intitula — *A uma mulher, que sendo muito velha, se enfeitava* — publicada na *Fenix,* pg. 220 ; na minha *Litteratura Portuguêsa* (Coimbra, 1898) publiquei duas Decimas até então ineditas (pg. 181) e que vam tambem no presente volume. Em Manuel Bernardes (*Nova Floresta,* IV, 47) apparece tambem uma quadra, que não vem na *Fenix,* nem em nenhum dos manuscriptos que consultei, e que tambem publíco agora. Eis, segundo o meu conhecimento, a

Lista das Poesias publicadas na " Fenix Renascida " e nos logares indicados

CANÇÕES: —

A uma mulher, que sendo muito velha se enfeitava.

A uma negra que não queriam que lho chamassem.

A um nariz grande.

SONETOS: —

A' morte da Senhora D. Maria Coutinho a que se tinham escripto muitos versos.

A D. Cecilia, filha de Vasco Fernandez Cesar contra muitos que vieram com obras quando queimou a mão.

Pragas se chorar mais por uma dama cruel.

Em nome de uma sua faca.

A' morte de F. R. Lobo.

« O soffrimento meu cordeiro mudo ».

A uns noivos que se foram receber levando elle os vestidos emprestados, e indo ella muito doente e chagada.

A duas regateiras, pelejando.

Ao Conde de Linhares que matando em Africa um leão, se lhe fizeram muitas poesias em louvor, que vendo-as o auctor fez este soneto.

Ao conde de Penaguiam mandando-lhe pedir duzentos cruzados por uma cabra muito disforme.

« Quer seja com razão, quer sem razão ».

A uma mentira que disse João Galvão,

Romances: —

A um amigo.

Saindo o auctor de gala em dia que se celebravam os annos d'el-rei no anno de 1642.

A uma peixeira com quem tinha amores.

Vindo o auctor de Ceuta.

A uma boca grande.

Redondilhas: —

A uma dama que se queixava de que seu amante lhe não dava cousa que fosse ou viesse, e elle lhe deu muita pancada.

Decimas: —

A um escudeiro.

Homem que era pouco limpo de mãos por notar um romance de D. Thomás.

A Fernão de Pó por saltar por uma janella fugindo d'um barqueiro que lhe deu com um pau por o achar com sua mulher.

A um homem que lhe devia cem mil reis.

Tendo-lhe furtado um tacho.

A uma velha muito feia a quem deram uma navalhada pela cara, a qual tinha uma sobrinha muito formosa.

A um cão de mostra, que lhe deixaram, o qual se chamava Basbaque.

A D. Affonso de Noronha sendo Provedor da Misericordia, mandando-lhe um cavallo muito magro.

A um fidalgo, que ficava com quanto lhe emprestavam e pediu a D. Thomás uma capa de caminho.

A uma dama que comia barro.

Vendo fallar uma pessoa de sua familia com certa mulher suspeitosa perguntava o que era. E foi-lhe respondido que era uma adella, a quem se procuravam uns corais.

A um medico que em tudo o que prognosticava mentia.

A um advogado nescio casado com uma mulher torta.

EPIGRAMMA: —

Perdendo um homem ao jogo o dinheiro que lhe deram por uma bofetada.

COPLA: —

A um corcovado que estava a um canto, muito requebrado namorando.

II. — *Inéditas.* Grande devia ter sido o numero das poesias compostas por D. Thomás. Com ellas se encheriam muitos volumes, diz o douto Barbosa Machado. As investigações a que ha muito procedemos no archivo dos manuscriptos da Bibliotheca da Universidade depararam-nos tres volumes contendo muitas poesias do celebre fidalgo e de outros poetas do cyclo gongorico. De par com as poesias na sua quasi totalidade

publicadas na *Fenix,* encontramos muitas *inéditas.* Procedendo a um estudo demorado e cuidadoso dos tres Ms., que sam os n.os 321, 391 e 392, foi necessario fazer uma selecção. De facto algumas composições sam tudo quanto ha de mais immoral na fórma e nas ideas e nellas, por vezes, a banalidade rasteja pela semsaboria. Dou aqui por isso apenas o

Titulo das Poesias que se não publicam por serem pornographicas

Sonetos : —

« Com chinellos nos pés, saio em camisa ».

Cag . . . estava a dama mais fermosa.

Epitaphio a uma p . . .

A uma mulher que lhe punha os c . . . e pedia ciumes.

« Senhora Beatriz, foi o demonio ».

Achou um homem no vaso d'uma mulher um membro viril.

Ao desafio de duas mulheres.

Dá a razão porque amor é cego.

A Brites dos Santos, moleira em Cascaes, que andava com Affonso Rolão.

Romances : —

A uma dama que deu um traque e disse-lhe que o glozasse.

A uma empresa que de noite lhe succedeu.

D. Thomás tinha uma creada doente e chamou para a curar os dois medicos da terra, e a moça se chama Anna Lopes e um dos medicos teve copula com a moça, sobre o que lhe fez esta trova.

A uma freira que deixou o auctor.

DECIMAS: —

A um frade muito alto e magro.

[O ms. 392, fl. 73, diz: *Mote que deram umas freiras a glosar a D. Thomás: Mote: — este é o pau que busco*].

A uma mulher que ia vendendo peixe, a quem chamou um homem bebada, e lhe começou a dizer amores.

Piques na mesa de amor.

A um frade que lhe deu corrença por comer um bôlo pôdre.

A uma Dama que ia escarranchada em um cavallo.

Dama que de dia ria e de noite pedia a Extrema-Uncção.

A uma dama a quem um velho mandou um osso de correr e ella o comeu com um mancebo.

A uma dama que mandando pedir a certa casa um gral, um mancebo lhe offereceu a mão.

BAILE: —

Uma reputada donzella encubria o estar prenhe, mas os signaes o manifestavam.

Carta : —

Que mandou a uma sua Prima, que lhe pediu 14 varas de tafetá verde para um saio para ir ganhar o Santo jubileo.

Ou « Carta a uma dama que sendo seu favorecido um D. Fulano Girão pediu a outro amante, a quem não fazia favor, 14 varas de tafetá singelo, verde ou encarnado para fôrro de uma roupa em tempo que se ganhava um grande jubileo ».

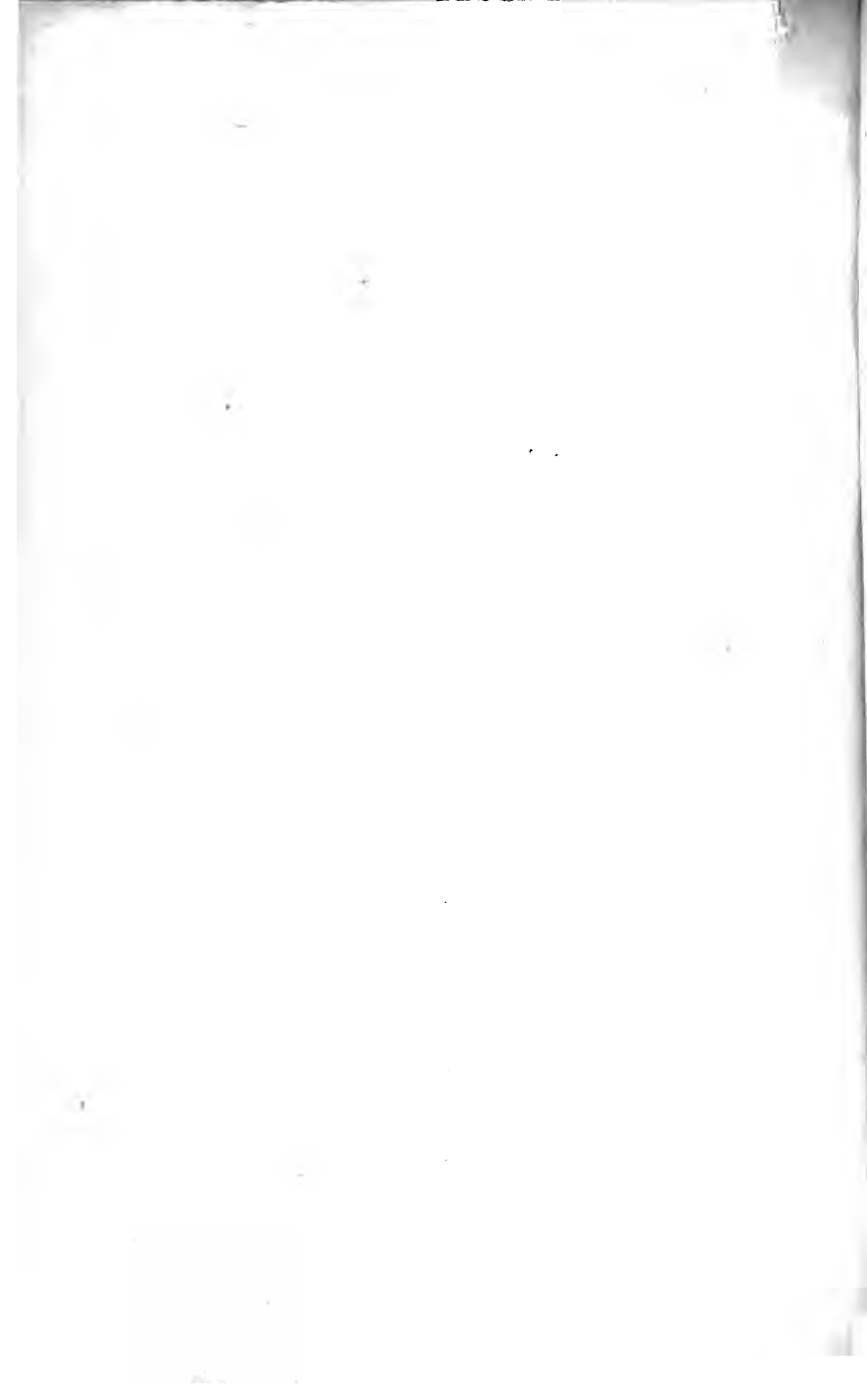
[Mas o ms. 390 por baixo do titulo desta poesia diz : — não é de D. Thomás].

A sua mulher, sendo ambos já velhos.

Mote e Glosa : —

Uma maricas que tinha . . .

Realisada esta operação de sanidade moral, bastante restava ainda digno, no meu entender, de vêr a luz publica. O gongorismo, como de resto muitos outros pontos da nossa historia litteraria, não obstante os esforços d'alguns obreiros incansaveis e refractarios á malaria de morbido passivismo, a que dia a dia vamos succumbindo, está por estudar, e creio que não será completamente esteril o pequenino obulo que deposito em gazophilacio, onde tam raras esmolas caem.

POESIAS INÉDITAS

SONETOS

CASANDO SEGUNDA VEZ.

Temperei, confesso, o bem perdido,
Mas não me tira a dôr do mal passado,
Que, quem ferido foi, o ter sarado
Não lhe tira o pesar de ser ferido.

Quanto fora melhor não ter vencido,
Que estar de todo agora restaurado,
Que ainda que o remendo é de brocado,
Não parece melhor qualquer vestido.

Aquelle habito da alma tam perfeito,
Que me talhou amor, fez a ventura,
Rasgou-m'o a dura morte, o triste fado.

Agora o remendei, mas foi loucura,
Porque um vestido rico e tam bem feito,
Roto estava melhor, que remendado.

A UMA DAMA PRODIGA DE FAVORES.

Se assim, formosa Helena, como és sol,
Não deras tantas mostras de ser lua,
Não te tivera o mundo por commua,
Nem quem tanto te quer por caracol.

Olha que já te tras a fama a rol
Por ser a tua grandeza a todos nua,
E pode ser que ganhes sendo crua
Não acodindo como peixe ao anzol.

Ai! muda, muda, Helena, muda os modos,
E não sejas oh! não! como é a corça,
Que mais corre com a seta que a lastima.

Ama a quem te mais quer, e não a todos,
Que repartido o amor tem menos força,
E a cousa que é mais commua não se estima.

BULHA DE REGATEIRAS.

Olhai cá, Brazia Vaz, bem escusado
Tendes de andar comigo em mexericos,
Se o fazeis por ter parentes ricos,
Louvado Deos, não como de emprestado

Filha de honrado sou, e de honrado
Meu Pai por linha vem dos Massaricos,
Se andardes comigo em serolicos
Quem falar dou-lhe muito de mau grado.

Se o que por mim passou não vos esquece
Pera andares *ron, ron,* sempre comigo,
Olhai os pés e desfareis a roda.

A Rainhas e Senhoras acontece...
Não fui eu a primeira, e mais vos digo,
Que no mais fino pano cae a nodoa.

A UM HOMEM PEQUENO E DESPREZIVEL CHAMADO PAULO FEIO.

Sapo concho, forão, lagarto em toca,
Meio vintem, singuinho, basaruco,
No corpo goso, e nas pernas cuco,
Novello de fiado, massaroca ;

Mona que cachorrinho afaga e acoca,
Monstro de Achem, brazil, maluco,
Sobre pequeno, torpe, feio, e bruco,
Sapo em pé, cascavel, sizo de roca ;

P... barbada, cabeça em odre,
De anões (?) rei e de pigmeos caciz,
Mama de má mulher, de homem meio,

Pequeno em tudo és, e em tudo podre,
E se é verdade o que a letra diz,
Ou tu és o diabo, ou Paulo Feio.

A MUITOS TEMORES NO PORTO COM MEDO DE UMA NAU DE HOLLANDESES.

Portugal, Portugal, és um sandeu,
Estás caduco já por esta cruz,
Tanto talam-balam, tanto trus-trus,
Pera quarenta c... cheios de breu!

Pera quarenta c... pois bem sei eu,
Quem, sem lança nenhuma ou arcabus,
Pera dar guerra a quatro centos c...
Armado está com quanto Deos lhe deu.

Hollanda será caça se cá vem,
Se tendes medo a Hollanda o meu Ruão
Sabe correr a caça muito bem.

Esforçai-vos, pois tendes capitão,
Que toda Hollanda escassamente tem
Pera forrar a perna de um calção.

CASANDO-SE UM TINHOSO COM UMA MULHER DE MÁ FAMA.

Toda esta terra muito festejou,
E com muita razão foi festejado,
O senhor D. Esculapio estar casado
Com a senhora D. Esculapou.

Elle homem de bem que se approvou,
Ella mulher de bem que o tem provado,
Elle em certas partes foi soldado,
Ella em certas partes se soldou.

E perguntando o cura se alguem
Algum impedimento tinha, sua madrinha,
Ouvi que respondêra muito bem,

E mais que respondêra muito asinha:
— Quanto a minha afilhada não o tem,
Quanto a meu afilhado, elle tinha.

AO PADRE GIRÃO, FRADE FRANCISCANO, POR FAZER OS VERSOS COMPRIDOS.

Padre Girão, se a vossa reverencia,
Lhe deu licença o louro patriarcha,
Para fazer os versos mais da marca,
Bem dada foi em sua consciencia.

Porém se lh'a não deu, mostre vocencia
Exemplo em Camões, Lope ou Petrarcha,
E não me ande por aqui roçando alparca,
Porque me dá com um páu na paciencia.

Se a musa de vocencia é centopeia,
Sevandija do charco do Pegaso,
Versos faça — com Deus! — de legua e meia.

Porém se algum coimeiro do Parnaso,
Lh'os levar por compridos á cadea,
Que ha de fazer vocencia neste caso?

A UM NAMORADO QUE QUANDO FALLAVA NA DAMA NÃO A NOMEAVA SENÃO POR *ELLA* E DIZIA QUE ERA MAIS FORMOSA QUE SUAS VIZINHAS.

Nella só vivo e morro só por ella,
Porq'ella é muito mais formosa qu'ellas,
E se o contradisser alguma d'ellas,
Mente, remente, sim, por vida d'ella.

Qu'eu sei quem ellas são e quem é ella,
Que vale mais qu'ellas em que lhe pes'a ellas,
E por isso lhe estão roendo ellas
Os calcanhares, com inveja d'ella.

Uma cousa tem ellas melhor qu'ella,
Qu'ella é dura, sendo brandas ellas,
Por isso ellas tẽem mais captivos qu'ella.

Se ella quer ser mais servida qu'ellas,
Acabe ella de ser já tam aquella,
E ficarão as moças todas ellas.

MANDANDO-LHE PEDIR O SEU RETRATO.

Quis mandar-vos, Senhora, o meu retrato,
Porém, tornei a ver qu'era escusado,
Que lá me tendes vivo e não pintado,
Vêde quanto mais perto e mais barato!

Na alma me podeis ver, que nella trato
Estar sempre presente retratado,
Salvo se pude (ai, triste!) ser riscado
Do coração, a poder do tempo ingrato.

Eu vos vejo, Senhora, aqui presente
Mas não vejo a vós, a mim me vejo,
Onde estaes invisivel escondida.

Oh! miseravel vida de um ausente,
Que está vendo o seu bem no seu desejo,
Mas sentindo sua morte em sua vida.

A UM VELHO CHEIO DE MUITOS ANNOS QUE CASOU COM UMA MOÇA.

Um velho de cem annos desdentado,
Trombeta de catarro noute e dia,
Tam devasso de ventre que vertia,
Sem sentir, o excremento mal logrado;

Potroso, cheio de pelles, descarnado,
Que mostrava medonha anatomia,
Mais sujo e fedorento que uma harpia,
Mais frio que breu enregelado;

Este da vida proprio desengano,
Amor lascivo o perseguiu de sorte,
Que uma moça buscou bem parecida;

Casou-se; porém de ambos foi o damno,
Que elle buscou na moça breve morte,
E ella acceitou no velho triste vida.

DECIMAS

A UMA DAMA QUE LHE CHAMOU DESVERGONHADO.

Procurei uma affeição
Por sollicitar meu gosto,
Vale mais vergonha no rosto,
Que magua no coração.
Deram-me por galardão
Sobrenome sem ser meu;
Mas a dama que m'o deu,
A ser minha se disponha,
Porque quem não tem vergonha
Tem todo o mundo por seu.

A UM MULATO QUE NÃO FAZIA CASO D'UMAS PANCADAS, QUE LHE DERAM.

Senhor Antonio de Abreu,
Admirado o mundo está
Do pouco que se vos dá,
Do muito que se vos deu.
Tal não presumira eu
De vosso talhe e feição,
Porém nessa occasião,
Mostrar ao mundo prometto,
Que homem foi de couro preto,
De c... preto, isso não.

A UM TORTO QUE DEMANDAVA UMA MULHER PARA CASAR COM ELLA.

Ouço por aqui dizer,
E vós que não o negais,
Que por demanda tratais
De pedir certa mulher;
Que eu sospeito, a meu ver,
E a vosso ver o sospeito,
Que mais justiça, em effeito,
Mais vos sinto, sendo morto,
Senhor, pedindo-a por torto,
Que pedindo-a por direito.

A FR. MANUEL DE MACEDO QUE DIZEM NÃO TER RELIGIÃO E A FR. JOÃO DE VASCONCELLOS QUE DIZEM A GUARDA.

Que desterrem a Frei João
Muito embora, eu o concedo,
Mas Frei Manuel de Macedo
Porque o não desterrarão?
Entre muitas a razão
Cuido que tenho achado,
Que se é culpa ser honrado,
Ser bom frade e viver bem,
Frei Manuel que culpa tem
Para que vá desterrado?

A UM ADVOGADO NESCIO CASADO COM UMA MULHER TORTA.

Mata o Senhor licenciado
C'o direito que não sabe,
A mulher, não porque a gabe,
E' torta, mata de olhado;
Pelo que tenho alcançado
Que, pois matam deste geito,
Bem se pode, ao que sospeito,
Com muita razão dizer:
— Que estes, marido e mulher,
Matam a torto e a direito.

A UMA FREIRA QUE LHE NÃO QUIS DAR DE JANTAR DIZENDO QUE TINHA OBEDIENCIA DO SEU GERAL.

Que ponha o Padre geral
(Se é que é geral esse Padre)
Me dizeis, senhora Madre,
Madrasta pois dizeis tal,
Excommunhão que papal
Não é, mas de não papar,
Se o faz por não gostar,
Não sei se bem negoceia.
Que tem com a *Bulla da Ceia*
Dares-me vós de jantar?

A UMA DAMA QUE NUNCA DEU O SIM Á SEU AMANTE.

Já ouvi uma cabra dizer *mé*,
E a um gallo *cucurucu*,
E a um touro bravo *mu*,
Dando com um páu nogoso *hé*;
A um negro *busa-guramgé*,
A mula maliciosa *im*,
A campainha *talim-balim*,
A um sino *talão-balão*,
Só a vós nunca vos ouvirão
O dizeres *que sim, que sim!*

A MANTE QUE NÃO DEU UM GALÃO DE OURO QUE PROMETTEU A SUA DAMA.

Galão de ouro prometti,
Sem duvida doudo estava,
Pois não sei o que custava
O que nunca possuí.
O credito não perdi,
Nem fiquei envergonhado,
Antes fico desculpado
No que quero prevenir:
— Que o prometter e mentir.
Corre por rezão de estado.

MANDARAM UNS POMBOS DEPENNADOS A D. THOMÁS, E QUE DISSESSE COM QUE SE PARECIAM.

Os que lá no limbo habitam,
Nem pena, nem gloria tẽem,
D'onde á semelhança vẽem,
Destes pombos que cá ficam.
Pena de mim os outros sintam
Mas estes que, depennados
Vẽem já, ham de ser passados
Pelas penas do inferno,
Mas porque é tempo de inverno
Mais gósto delles assados.

A UMA DAMA QUE PEDIU UM PÈRO CAMOÊS.

Eu bem me atrevo a esperar
Que não posso merecer,
Pois quem vem a receber
Logo se empenha em pagar;
E posso conjecturar,
Conforme o que me acceitais,
A moeda em que pagais,
Porque experimentei mil vezes,
Que quem quis meus camoêses
Tambem quis meus verdiais.

A UMA DÍVIDA QUE LHE DEVIA CERTO FIDALGO MAU PAGADOR.

Praza a Deus Senhor D. João,
(O' quanto que o temo eu!)
Que quem meia paschoa me deu
Me não dê máu São João,
A' divida, logo á risca,
Dia do grande Bautista;
O' prasa a Deus inda mais,
Nesse S. João sejais
S. João Evangelista.

A UMA DAMA QUE LHE PEDIU UNS COVADOS DE LAMA.

Senhora, eu não me accomodo
Nisto de dar lama a dama,
Porque se houver de dar lama
Ficarei posto de lodo.
E não digais que esse modo
Denota vontade crua,
Que a bolsa está pobre e nua,
E dar sòmente me approva:
Lama — não da Rua Nova,
Senão sómente da rua.

A UMA PESSOA QUE PEDIU UMA LINGUA DE PORCO.

Quem de porco pede a lingua,
De porco assás lingua tem,
Por onde vejo mui bem,
Que o porco vos não faz mingua.
Senão acho mais que *ingua,*
Por consoante me enforco
E·o meu juizo emborco.
Quereis lingua, amigo, tu ?...
Pois mette a lingua no c...,
E terás lingua de porco.

EM QUE SE DESCREVE UMA BRIGA QUE TEVE O CHANTRE DA SÉ DE SANTAREM COM O MESTRE-ESCOLA, O QUAL ATIRANDO AO CHANTRE COM UMA PEDRA DEU EM UMA BURRA NA CABEÇA, QUE ESTAVA NO MEIO D'ELLES E MORREU.

Contra o Chantre filisteo
Saíu David Mestre-Escola,
E tirando-lhe á cachola
Na de certa burra deu.
Toda a pobre estremeceu
E deu consigo no chão,
Sem bulir com pé nem mão,
Pasmada desta porfia,
Porque a cada qual queria,
Como a seu carnal irmão.

Como pôde lhes fallou,
Bulindo um pouco c'o rabo
Lhes disse: — irmãos! eu acabo,
Triste de quem me matou!
O Chantre já esconjurou
Como quem innocente estava
Do burricidio; gritava
O Mestre-Escola, feito um pêrro:
— Eu se vos dei foi por erro,
Que a outro burro atirava.

Já por toda a villa soa,
Disse a burra, esta burrada;
Dirá a gente malvada,
Que me não deram por boa.
Que nova para Lisboa!
O coração me adivinha,
Que os cegos farão trovinha,
E cantarão, por meu mal,
Este desafio asnal,
Em que eu servi de madrinha.

Moída como um centeio
Estou de vos apartar,
Devendo-me respeitar,
Pois me metti de permeio.
Serve uma vaca de freio

Dando quatro passos lentos
Entre dois toiros violentos;
Pois que vantagem me faz,
Para que eu não metta em paz,
Sendo burra, a dous jumentos?

Jogareis co'as más fadas,
Sem temerdes *arres* nem *xótes*,
Os vossos quatro pinotes
E não jogo de pedradas.
Estão as bestas pasmadas,
E de seu sentido alheas,
Quebrando soltas e pêas
Para vos acudir e a mim,
Que somos irmãos, enfim,
Corre o sangue pelas vêas.

Fazei, Chantre, penitencia,
Pois fostes o agressor,
E não digais sem temor,
Que vos salvo a innocencia.
Quem é causa da pendencia
Tem mór pena, e com razão
Tomai bem esta lição,
Inda que burro mais velho,
Porque bem vos aconselho
Sem ser burra de Balaão.

E já que a morte me aguarda
De meus bens entre ambos testo
A vós, Mestre, meu cabresto,
A vós, Chantre, a minha albarda,
Item, uma silha parda.
E entrando de repente
Em o ultimo accidente
Lhes disse, apertando o queixo:
— Esses dobrões, que ahi deixo,
Repartireis irmãmente.

Como leves, desatados,
Sem haver quem lhes resista,
Aos dobrões correm, que á vista
Lhes parecêram dobrados.
Mas depois de apartados,
Por remate da fadiga,
Acharam (não sei que diga),
Por culpa do mialheiro,
Não ter o ouro bom cheiro,
Além de ter muita liga.

A D. JOÃO GALVÃO.

Agora que com as casas,
Que tanta occasião te dão,
Para mentires Galvão,
E ao Crasto para trapaças,
Fica melhor se te casas
Co'a cunhada do Duarte,
Sobre que com tanta arte,
Te vi mentir, companheiro,
E de escacha peceguciro,
Lá debaixo do estandarte.

Deixo já outra maneira
De mentir assignalado,
Do em que tinhas arrendado
A quinta da Carvalheira.
Alli nos farias feira
De moinhos e olivaes,
E que matavas cabais
De perdizes para a cea.

Alli sobre as tuas rendas
D'aquelle mesmo logar,
Moias no teu lagar
De mentiras mil moendas.
Eu já vi outras fazendas
Render vinho, azeite, e pão,
Qu'é o que as fazendas dão,
Como sabe toda a gente,
Porém, mentiras sómente,
A fazenda do Galvão.

Tambem, Galvão, me dizias
Ter de tença cem mil réis,
Sobre que não aos quarteis
Porém de ante mão mentias.
Alli resenha farias
Contino da renda della,
Como mentias sobre... ella

Se ella só rende mentiras?
Ah! João Galvão se te viras,
Se ella só rende mentiras
És almoxarife della.

Eu te tenho por perjuro
Pois te vi Galvão jurar
Que tinhas teus, em Thomar,
Duzentos mil réis de juro.
Oh! como mentes seguro!...
Que a capella que dizias,
Que herdaste de tuas tias,
Não é tal, Galvão famoso,
Ganhaste-a por mentiroso,
Que por tal a merecias.

QUADRAS

A UMA MULHER ACAUTELADA EM FECHAR A PORTA, MAS DIZIAM QUE ANDAVA COM O CURA.

Que importa ao credito vosso
Fechardes, todos os dias,
A porta ás Ave-Marias,
Se a abris ao Padre nosso?

A UM MALTES QUE FUGIU A UM BARQUEIRO QUE LHE QUERIA DAR.

Levava asas nos pés,
Por fugir da vara ao pèzo,
Porque ainda que era maltês,
Parece que era mal têzo.

ESCREVENDO-SE A UMA DAMA SEM FIRMA.

Vai sem firma e não sem fé,
Porque esta fé firme á firma,
Que melhor é ir sem firma,
Que com firma e sem fé.

A UM SUJEITO QUE TRAZIA DENTES DE MARFIM.

E' cousa muito galante,
Rara admiração das gentes,
Que traga um camello dentes,
Que foram dum elephante.

A UMA ADELLA.

A adella com quem fallais
Boas novas não ha d'ella;
E o que vós fallais com ella
Co'os corais não o córais.

A UM CASAMENTO QUE FEZ EM LISBOA UM FULANO DE MELLO COM UMA FULANA DE MELLO, AMBOS VELHOS.

Bizarra em cadeira ella,
Bizarro em cavallo elle,
Elle com muito ar nella,
Ella com muito ar nelle.

Fidalgos elle e ella,
Não ha para que dizê-lo,
Elle Mello é remello,
Ella Mella é remella.

A UMA DAMA PEDINDO UM POUCO DE BENJOIM.

Duvido de haver alguem,
Que outra visse a esta egual,
Que só a mim cheira mal
O que a todos cheira bem.

E mais não façais espanto,
Que o que digo é tanto assim,
Que como este benjoim
Cousa me não fede tanto.

Extremos são mui notaveis,
Senhora, o que aqui vereis,
Com benjoim me fedeis,
Sem benjoim me cheirais.

Isso que tanto vos fede,
Quanto a mim deve de ser:
E' que eu devo de feder
A quem benjoim me pede.

Ha tempo já que se diz,
Que até agora não fedias;
Será porque não pedias,
E fedeis porque pedis?

Que, senhora, quanto a mim,
(Seja por verdade de ambos),
O mau cheiro que ha entr'ambos
Causou este benjoim.

Do que venho a resumir,
Que ambos hemos de ficar
Fedendo, — um p'lo não dar,
O outro pelo pedir.

E mais por me declarar,
Se á custa minha ha de ser,
Consiste o não me feder,
Em não me querer cheirar.

OITAVAS

AO CASAMENTO DE DOIS PRIMOS AMBOS TINHOSOS.

A moça tinha de seu,
Elle tambem de seu tinha,
Tinha casa, tinha vinha,
Tinha um negro de Cacheu.
Tinha D. João de Abreu,
E quanta fazenda tinha,
Tinha para uma sobrinha,
Que tinha d'um irmão seu.

A UMA MULHER MUITO MAGRA QUE TRAZIA UMA MORTE NAS CONTAS.

Quando acommetter quiseres,
Morte, a que trazes comtigo,
Que acommettas não t'o digo,
Mas digo que, se acommetteres,
Olha que seja vestida
E não seja doutra sorte,
Porque era da morte a morte
Se acommetteres despida.

QUE FEZ D. THOMÁS DE NORONHA EM CEUTA AO DUQUE DE CAMINHA MANDANDO-LHE DAR DEZ MIL RÉIS, OS QUAES LHE TARDAVAM E L'HOS HAVIA DE DAR FERNÃO RODRIGUES BACELLAR.

Aplique por um pouco os sentidos,
E ouça, meu senhor, vossa excellencia,
Que tambem pera pobres ha ouvidos.
Attento esteja um pouco com clemencia,
A's lastimas, suspiros e gemidos
De um pobre que, com tanta paciencia,
Estas miserias conta não fingidas,
No mundo nunca vistas, nem ouvidas.

E não cuideis, senhor, que o que vos pinto
E' querer-vos mostrar que tenho vêa;
Verdades puras são que passo e sinto
Com que os fios vou dando já á têa.
Nalgum signo nasci triste e faminto,
Segundo vejo minha má estrêa;
E que importa nascer honrado e nobre,
Se a fortuna me faz patife e pobre?

Que cativo em masmorra, que forçado
Ao remo de gallé? que mendicante?
Que Job? que paralitico entrevado
Na piscina? que misero estudante?
Que prezo na enxovia? que soldado
Sem paga? que picaro ou birbante?
Ou que criado vosso, que ainda é mais,
Com miserias se vio no mundo tais?

Entro na pobre casa, sepultura
Onde morrendo vivo degradado,
Acho no meio della sem figura
O moço que á pura fome está estirado:
Os olhos põe em mim com tal ternura,
Que as pedras mover póde o coitado,
Eu que o lanço lhe entendo de antemão
Lhe digo: *frater meus! non habeo* pão!

E se colher por dita um vintem posso,
Que recebido é com summo gosto,
Nas mãos o metto do faminto moço,
Que em o vendo lá das nuvens posto,
Baixa com furia estranha e alvoroço,
A empregá-lo em pão, pescado è mosto,
E muito mais que um volantim ligeiro
A casa parte do amigo taverneiro.

Eu que indo pera casa, em que me pes,
Com a fome de todo afiada,
De foçinhos vou dar logo na escada,
Com a moça, que vem pedir do mes
O dinheiro da cama, que é alugada,
Que o dinheiro ou cama em entremes
Declara por remedio em minhas magoas,
Ficar-me accommodando a duas taboas.

Aperta de outra parte o taberneiro,
Que não quer dar mais vinho nem fiar:
E com justiça pede o seu dinheiro,
A padeira que quer já amassar,
Que não tem com que possa ir ao celleiro,
Me manda em rezõis breves declarar:
Que ou pague como nobre de contado,
Ou não espere mais por pão fiado.

CANÇÕES

A'S DAMAS DO PAÇO DANDO-LHE UMA VAIA PORQUE NÃO SE DETEVE INDO JANTAR.

Damas do paço, da paixão que sente,
Quem do vosso desejo andar doente,
Tudo podem os vossos pareceres,
Tudo os vossos poderes,
Podem dar falla a um cego, vista a um mudo,
Mas o comer, Senhoras, rapa tudo.

Vós que dais luz ao sol a qualquer hora,
Aonde a luz das outras luzes mora,
Desfazeis forças e fazeis conquistas,
A qualquer hora vistas,
Bellas sois no oriente das janellas,
Mas depois de jantar muito mais bellas.

Sois estrellas que observa todo o mundo,
Estrellas sois de graça mas sem fundo,
Mas das estrellas toda a formosura,
Da luz a noute escura,
Que ao jantar é pezada zombaria.
Fazer-me ver estrellas ao meio dia.

Matais de amor, matais de olhado,
Tais poderes a sorte vos tem dado,
Que essa vista que ao mundo desbarata,
A todo o tempo mata;
Mas, porque o novo exemplo em vós se torne,
A' hora de jantar matais de fome.

Tomado o sol da vossa gentileza,
Aonde envidou seu resto a natureza
De uns olhos agulheiros no astrolabio,
O piloto mais sabio
Perde amor na caduca Noroega,
Quando o meio dia ás portas chega.

Deixai-me vós comer o meu carneiro,
Que estafermo serei neste terreiro,
Por mais vadio que olhar me açoute,
Do jantar até á noute
Ir-me-hei pôr ao sol resplandecente
Com a barriga farta, pé dormente.

A FR. FERNANDO DA CAMARA, PROVINCIAL DOS PEDINTES, A UM SERMÃO QUE FEZ DO LAVAPÉS, 5.ª FEIRA SANTA.

Ainda está por discernir,
Meu Padre Provincial,
Se aquelle sermão fatal
Foi de chorar, se de rir,
Cada um pode presumir
O que melhor lhe estiver,
Porque aquella má mulher
Da perversa sinagoga,
Fez no sermão tal asnoga,
Que se não deixa entender.

Certo que este lavapés
Me deixou escangalhado,
E quanto a mim foi cortado
Para um risonho entremês.
Eu o quero dar de tres
A outro algum Prégador
Seja elle quem quer que fôr,
Seja habil, seja honrado,
Que eu quero perder dobrado
Se fizer outro peor.

E vossa Paternidade,
Por o que deve á virtude,
De taes pensamentos mude,
Que prega mal em verdade.
Faça actos de caridade,
E trate de se emendar,
E mais de tão máo prégar,
Porque virá o Mestre Escola,
Que por prégar, p'ra Angola
O podia deportar.

A UM HOMEM QUE TINHA FAMA DE LADRÃO E LHE TACHOU ALGUNS VERSOS SEUS.

Aqui passêa o Fuão
No seu frisão de contino,
O Fuão de marca dino,
De Dinamarca o frisão.
Por elle diz que lhe dão
E eu sei que os tem contados,
Mas não sei se são cruzados,
Duzentos, e não me espanto
Tanto de lhos darem, quanto
De lhos não terem já dados.

Que se espantou outro dia,
Me dizem, a um romance meu,
E de cada verso que leu
Dava um'unhada e dizia:
« Tem faltas esta poesia. »
Quero dizer que propunha
Mil objecções que lhe punha.
Eu não me espanto de nada
Quando ouvi que dava unhada
Homem que eu sei que tem unha.

Um nosso amigo o achou
No estrado da mulher,
Que por parente ia vêr,
E dizem que se enfadou.
Eu disse a quem m'o contou
E já m'o tinha contado:
Quanto eu mais enfadado
Ficára, sem levar nada,
De elle me achar numa estrada
E eu a elle no estrado!

E' homem e é Thomé,
Que sabe meter a mão,
Quer nos conheça, quer não,
Quer tenha ou não tenha fé.
Tal homem far-me-ha mercê,

E não de qualquer maneira,
Quando conhecer-me queira,
Tendo acaso duvidado,
De antes me metter no lado
A mão, do que n'algibeira.

A UMA FREIRA QUE LHE MANDOU PEDIR MEIAS E SAPATOS PARA ENTRAR EM UMA COMEDIA, E UM VESTIDO.

Vestido, meias, sapatos
Me pedis senhóra Inês,
Para entrar numa comedia
E sair num entremês.

A' fé de poeta honrado,
Que ficareis desta vez,
Despida de todo o ponto,
De cabeça, perna e pés.

Porque pedir tal vestido
A quem vestido não tem,
Será deixar-vos em branco
Vestindo-vos em papel.

Pois desta sorte vestida,
De ponto em branco entrareis,
Que entrando de encamizada,
Em camisa entrais mui bem.

Despida por despedida
Praza a Deus que não fiqueis,
E vos tome sem camisa
Quem vos tomar por mulher.

Buscai, senhora, outro amante,
Que tal vestido vos dê,
Porque vos não quer vestida,
Quem só despida vos quer.

Vestido nunca peçais
A quem amor vos tiver,
Que amor como anda despido
Não dá vestido a ninguem.

Assim que estais enganada
Se cuidais, senhora Inês,
De alguns destes meus vestidos
Fazer roupa de francês.

Vestido não quero dar-vos,
Nem vestido meu tereis,
Que pera vestir um santo
Despir outro não convem.

Que dar vestido um poeta
Cousa é que se nunca fez
Pois só cortes de vestir,
Sabe um poeta fazer.

A capa sem ser vestido,
Se quiserdes vos darei,
Só por deixar-vos nas mãos
A capa como Joseph.

Porém meias nem sapatos,
Por Deus que vos não darei,
Que é fazer gato sapato,
De quem sapatos não tem.

Pobre, senhora, de mim,
Pois se os sapatos vos der,
Não terei em toda a vida
Outros que metta nos pés.

E será cousa forçada
Se calçado não tiver,
Nos Carmelitas Descalsos
Professar, em que me pés.

Nestes pontos dos sapatos
Nem das meias me falleis,
Que perco o ponto em cuidar
Nas pontas de vosso pé.

De meias podeis andar
Com quem as meias vos der,
Que eu não dou por não dar meias
Nem meias natas a elrei.

La vos havei com o trino
Pedi-lhe, senhora Inês,
Que vos vista e que vos calce
Como marido a mulher.

Com botas ou borzeguins
Entrai no vosso entremês,
Que calçando desta sorte,
Calçareis ao Português.

E se não nessa comedia
Entrar em pernas podeis,
Representando descalça
A figura de Moysés.

E não torneis a pedir-me
Cousa que valha um vintem,
Que o pedir é despedir-me
Para todo sempre, *amen*.

ROMANCES

CAPELLA DE S. JOÃO A D. MARIA DA SILVA DE SANTA CLARA POR D. THOHÁS EM COIMBRA.

Maria, pois sois a gala
Das nymphas deste Mondego,
Neste S. João presente
A capella vos remetto.

E' culpa, sim, de atrevido,
Mas não é da penna erro,
Que como cantais tam bem
Nesta capella vos metto.

Se já não é o que cuido,
Pois morro de um mal velho,
Como á prima que mais amo,
Esta capella vos deixo.

Não vai, senhora, em *boninas*
Vai tam sómente em meus versos,
Porque é bem que vá por letra
Já que as boninas não tenho.

Não invoco á Talia,
A' Orato muito menos,
Mas invoco áquella Musa,
Que mora a par do Mondego.

Aquelles olhos invoco,
Que têem muito de serenos,
E andam sempre quebrados,
Mas não comigo, por certo.

Ouvi agora, menina,
Da capellinha o enredo,
As boninas de que consta,
Que tudo contar prometto:

Leva um circulo de *cravos,*
Que imagino vão vermelhos
Só porque hão-de apparecer.
Diante de vossos beiços.

Sam cravinhos mui cheirosos
Nascidos em um craveiro,
Que dá flores, mas não fructo,
Por ter o vaso já velho.

E porque não diga o mundo
Que em mais drogas me metto,
Os cravos sam da Rochella
E não das tendas por certo.

E não noteis mandar cravos
Pintados sómente em verso
Pelo que se foreis novata
Esta encravação vos metto.

Vai outro circulo logo
De *jasmins* brancos e bellos,
Se os que sam saber quereis,
Contai-os vós pelos dedos.

Sam estes jasmins que mando,
Narcizos do prado ameno,
Narcizos muito achacados,
Porque sem fontes os vejo.

Não serem muito estimados
Estes taes jasmins entendo,
Porque em vosso branco rosto,
Tendes jasmins de sobejo.

Outro circulo se segue
De flores, a que por erro
Amor-perfeito lhe chamam,
Como se pudera havê-lo.

Amor perfeito jámais
Se deu cá nos homens cegos.
Que amor com ser companhia,
Nunca n'ella foi perfeito.

Seu raminho da *hortelã*
Leva a capella por certo,
Que não cuideis que sam sopas,
As flores que vos remetto.

E desta hortelã só que
Tomeis a crueza temo,
E tenhais sendo Menezes
Com Pedro Crú parentesco.

Vai a formosa *marcella*
Celebrada neste tempo,
Com pretensão de ser flôr,
E de ser flôr tem desejos.

Mas cuido que se tiver
Em vossa cabeça assento
Que lhe hão de dar na cabeça
De ser *bonina* os intentos.

Pois não pode á vossa vista
Haver flôr no prado ameno,
Porque em vos vendo florido
Padece pensõis de seco.

Não vos mando, não, Maricas,
Os raminhos de *coentro*
Que, pois provoca a dormir,
Eu dormindo vos não quero.

Não leva *manjericão,*
Pois por infallivel tenho,
Que por ser sempre capado
De nada serve lá dentro.

Vai a *segurelha* bella,
E sabei, meu claro intento,
Que depois de segurelha,
Sai o pião ao terreiro.

Leva *peras* a capella
E já sabeis o proverbio:
« Quem me a mim perinhas manda »
Tam antigo como velho.

Nestas peras que vos mando
Bem claramente conheço,
Que tendes vós pera peras,
Se o ditado fazeis certo.

A UMA FREIRA A QUEM D. THOMÁS PEDIU LHE DISSESSE O SEU NOME E ELLA LHE RESPONDEU QUE COMEÇAVA POR F.

Se por F hei-de entender
Vosso nome peregrino,
Sois *Franca,* se não sois
Fulana de S. Francisco.

Ou sereis *Feliciana,*
E quem fôr favorecido
De vossos divinos olhos,
Tambem será felicissimo

Faustina tambem sereis
Mui infausta a meu destino,
Pois no fausto desses olhos
Ando, senhora, perdido.

Porém, ponhamos de parte
O nome que no baptismo
Vos deram, senhora Madre,
Vossos ditosos padrinhos.

E tomando a lettra F
Na força do seu sentido,
Digo que sois *feiticeira,*
E que andais dando feitiços.

Fulana me parecestes,
Porém mostrais tanto brio,
No fallar que de *Filippa*
Senhora, vos imagino.

Não duvido que sois *Feira*
Mas comtudo, mana, digo,
Que sois feira onde vendem
Os regalos de Cupido.

Feia dizem alguns que sois,
Mas antes erram o fito,
Que bem se vê sois formosa,
Em teres tam pouco sizo.

Formosa sois em extremo
Filha do sol escondido,
Os seus raios com os vossos
Ficam mui escurecidos.

Flor sois que criou amor
Entre rosas e espinhos,
Porque não possa gozar
O fructo de meus sentidos.

Folha sois pois não sois firme,
Comtudo sou tam mofino,
Que não vos move, senhora,
O vento de meus suspiros.

O meu fado ou meu fadario
Por onde senhora, amigo,
E' liberdade captiva
Ou pensamento rendido.

Sois a mesma *fortaleza,*
E quantos vos vêem rendidos
Pagam tributos de amor
A vossos olhos divinos.

Dizem que a *figueira* foi
Vedada no paraízo,
Que foi figa para nós,
Pois tememos tanto risco.

Porém, vós, Senhora minha
Não sois figueira nem *figo,*
Mas sois o fructo vedado
A desejos atrevidos.

Atentando para as partes
De vosso rosto divino,
Nos beiços acho dois *favos,*
Que chama amor escondido.

O bafo, que por entre elles
Lançais estando dormindo,
Parece *favonio* brando,
Que recreia meus sentidos.

Fogo brando sam seus olhos
Com serem de basalisco,
Onde qual phenis renasce,
. . . .

Sam fio de ouro os cabellos,
Mas corta com estes fios,
Como se foram de espada
Amor em seu desafio.

De sorte, senhora Madre,
Fulana de S. Francisco,
Faustina, felicissima,
Fado, favonio, feitiço,

Feiticeira, feira, folha,
Formosa flor entre espinhos,
Filha do sol, fortaleza
Fructo vedado, e não *figo.*

Bafo, fogo e *favonio,*
Freira, em que tudo digo,
Sois, senhora, se sois F.

Enfim sois o fim sabido
Adonde de perfeição
Non plus ultra amor ha escripto.

A UM JOÃO DA COTA A QUEM UMA MULHER A QUEM ELLE NAMORAVA FEZ UMA DESCORTEZIA LANÇANDO-LHE PELA JANELLA UMA POUCA DE SUGIDADE E ELLE FOI FUGINDO.

Fugirdes tanto e assim,
Sem parar, senhor João Cota,
Todo mundo vo-lo nota,
Salvo eu que, quanto a mim,

Não, se atentarem de achar,
E haveis de achar se atentardes,
Não ser muito o não parardes,
Onde não havia parar.

A vos dar de meio a meio
(E ella mesmo o confessa)
Fazia-vos a cabeça
Numa pasta, e eu o creio.

E não fôra maravilha
Grande, quanto a mim fazê-la
Numa pasta, fôra ella
Fazer nella uma pastilha.

Em caso tam repentino
E tal causa admiração
Poderdes-vos ter que não
Fizereis um desatino.

E mais quando aqui se diz,
Mui por cousa averiguada,
Não poder ser que a mostarda
Vos não chegasse ao naris.

Ha pessoa que aporfia
O dado vendo tam grande,
Que parece de Alexandre,
Em que mais de Alexandria.

O' mão que em dar tal fruita
Tam liberal vos mostrais?
Que quando dê pouca aos mais
Este se queixa da muita.

A UM CAVALLEIRO DE CEUTA, RIDICULO, QUE CHAMAVAM D. URRASCO, SAINDO AO CAMPO.

Uma sexta-feira á tarde,
Vespera de Santo Amaro,
A jogar canas saiu,
Vestido á gineta, Urrasco.

Vai em rocim que mal vai,
Por ir de fome tam magro,
Que sem confissão passara
Buracos de Santiago.

Por esporas leva dois pregos,
Com que picava o cavallo,
A quem rodas de navalhas
Não fariam dar um passo.

Calçados uns borzeguins,
Que por qualquer parte calçam,
E postoque que ia calçado,
Jurava que ia descalço.

Por marlota um gabão,
Que algum tempo fôra pardo,
Com mais buracos que pontos,
Mais remendos que buracos.

A tiracollo um ourello,
Donde pendia o traçado,
Que qual seta com veneno
Vai de ferrugem hervado.

Por elmo leva um barril,
Que foi de figos passados,
E um rabo de raposa
Leva posto por penacho.

Ao passar de uma esquina
O esperam dois embuçados,
Que invejosos de seu bem
Lhe querem armar um dardo.

Urrasco que sente a cilada
Mette as pernas ao cavallo,
E saiu com tanta força
Que ficou no mesmo estado.

NOTAS

Pagina 7

O soneto *Ao Padre Girão, frade franciscano, por fazer os versos compridos* vem no ms. 270 v. attribuido a D. Thomás e por isso o incluimos nas suas poesias, mas convém dizer que o mesmo soneto, sem variantes, se encontra no ms. 391, pag. 254, onde é attribuido ao dr. João Sucarello de quem, em muitos manuscriptos, que consultamos, vimos poesias no genero burlesco, nada deixando a dever muitas d'ellas ás mais obscenas de D. Thomás de Noronha.

Pagina 13

A um torto que demandava uma mulher para casar com ella; esta décima encontra-se em tres ms., 321, 391 e 392, sem variantes notaveis. Foi por nós publicada pela primeira vez na *Litteratura Portuguêsa* (Coimbra, 1898), pag. 181.

Pagina 14

A fr. Manuel de Macêdo, que dizem não ter religião e a fr. João de Vasconcellos que dizem a guarda; esta décima

apparece egualmente nos tres ms. cit., com esta inscripção no ms. 391 (pag. 221) — *A fr. Manuel de Macedo na occasião em que mandaram sair da côrte a fr. João de Vasconcellos.*

Pagina 15

A um advogado nescio casado com uma mulher torta, egualmente nos tres ms. Tambem foi por nós publicada na *Litteratura Portuguêsa,* log. cit.

Pagina 21

A uma divida que lhe devia certo fidalgo mau pagador. Não nos foi possivel completar esta poesia, a que falta um verso, e que por isso está um pouco enygmatica. Encontramo-la apenas no ms. 392, fl. 84 v.

Pagina 28

D. João Galvão. Não estám regulares algumas das décimas d'esta poesia, que vem apenas no ms. 321. Pelo referido, este D. João Galvão era um mentiroso emérito. No vol. v da *Fenix,* pag. 239, póde lèr-se um soneto — *A uma mentira, que disse D. João Galvão.* Ahi o accusa D. Thomás novamente de ser

das mentiras fonte perennal.

D. João Galvão disputava primasias no genero a D. Thomás a acreditarmos no seguinte soneto que aquelle desfechou contra este:

Estando nós á vista de Quirinos
No Sacro promontorio de Vicente,
Eras de todos tido por valente,
Fazendo tu um milhão de desatinos.

Contavas feitos teus de Calaínos,
Que facilmente cria a pobre gente,
Porque nisto de os pôres de repente,
Sempre fôste o melhor e dos mais finos.

Quanto arnês, quantas malhas destro cavas!
Com a espada não, com a lingua que fingia
Fataes recontros e victorias bravas!

Y assi dijo Quirinos de Mixia,
Amigo D. Thomás, donde las sacas,
Que ni acaso verdad hablaste un dia?

(Ms. 390, fl. 44).

Pagina 35

A uma adella. Publicada em Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, IV, 47, que a faz preceder da seguinte explicação, a que alludimos na *Introducção*: « D. Thomás de Noronha, fidalgo de discrição mui celebrada n'este reino, vendo fallar uma pessoa de sua familia com certa mulher suspeitosa, perguntou o que era. E foi-lhe respondido que era uma adella, a quem se procuravam uns coraes. Disse então de repente: — ».

Pagina 52

A um homem que tinha fama de ladrão e lhe tachou alguns versos seus. A primeira décima desta poesia vem na *Fenix Renascida*, V, pag. 252, mas só essa.

Na nossa *Litteratura Portuguêsa,* já citada, pag. 181, publicamos pela primeira vez a décima seguinte:

A UM MEDICO QUE EM TUDO O QUE
PROGNOSTICAVA MENTIA

Não o vi desconfiar
De doente que morresse
Nem vi nenhum que vivesse
Dos que lhe vi segurar.
E' mandar alevantar

Mandar elle ungir alguem!
Pois adevinha tambem!
O' prasa a Deus que este tal
Diga de mim que estou mal
Para eu cuidar que estou bem.

E' curioso confrontar-se a décima, que traz o titulo *A um fidalgo, que se ficava com quanto lhe emprestavam, e pedia a D. Thomás de Noronha uma capa de caminho,* publicada na *Fenix,* v, 259, com uma outra de D. Francisco Manuel de Mello sob o titulo — *Mandando mostrar uma capa que pareceu bem para amostra de um vestido,* que vem nas *Obras Metricas* (Viola de Talia), pag. 223.

Diz D. Thomás:

Mando a capa, e de caminho
Vos lembro que fico assás
Receoso, com ser Thomás
Que hoje seja Martinho.
Se fôr o que eu adivinho
Será muito n'esta idade,
Senhor, se a falar verdade
Se vai quererdes, Senhor,
Que a dê toda um peccador,
Dando um Santo só metade.

Por seu lado escreve D. Francisco Manuel de Mello:

Postoque pobre e soldado
Vos largo a capa, Senhora,
Porque não digais agora
Que sempre quebra o soldado.
Mas, sem ser desconfiado,
Em a vendo o mercador,
Torne pelo portador,
Porque, se só, como é verdade,
Que um Santo deu ametade,
Que ha-de dar um peccador?

INDICE

MENDES DOS REMEDIOS

Os Judeus em Portugal, 1 vol. .... 1$000

Introducção á Historia da Litteratura Portuguêsa, 1 vol. 800

Litteratura Portuguêsa, 1 vol. 900

Sousa Martins e a Serra da Estrella, 1 folheto.. 100

Programma de Lingua Hebraica.

Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguêsa:

I — Fidalgo Aprendiz 200

II — Poesias inéditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo XVII .. 300

III — O Foguetario (em preparação).

IV — Os Lusiadas. Edição escolar (em preparação).